

QUATRO  
VIDAS  
DE UM  
CACHORRO



W. Bruce Cameron

QUATRO  
VIDAS  
DE UM  
CACHORRO

Todo cachorro  
existe por uma razão.

*Tradução*  
Regina Lyra



Rio de Janeiro, 2016

Título original  
*A Dog's Purpose*

Copyright © 2010 by W. Bruce Cameron

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela CASA DOS LIVROS EDITORA LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235  
Rio de Janeiro – RJ – Brasil  
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-Brasil. Catalogação na fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

C189q Cameron, W. Bruce, 1960  
Quatro vidas de um cachorro: todo cachorro  
existe por uma razão / W. Bruce Cameron ;  
tradução Regina Lyra. - 1. ed. - Rio de Janeiro :  
HarperCollins, 2016.

Tradução de: A dog's purpose  
ISBN 978.85.69514.71-8

1. Romance americano. I. Lyra, Regina. II.  
Título.

CDD: 813  
CDU: 821.111(73)-3

*Para Cathryn*  
*Por tudo, por ser tudo*





## CAPÍTULO 1

Um dia, afinal, me ocorreu que as coisas mornas, ruidosas e fedorentas se mexendo à minha volta eram meus irmãos e minha irmã. Fiquei muito decepcionado.

Embora a minha visão tivesse evoluído apenas a ponto de me permitir distinguir formas nebulosas num ambiente claro, eu sabia que a figura grande e bonita com aquela língua maravilhosa era a minha mãe. Descobri que quando o ar gelado me esfriava a pele era sinal de que ela tinha ido a algum lugar e que quando o calor voltava estava na hora de comer. Quase sempre encontrar um lugar para mamar significava empurrar o que eu agora sabia ser o focinho de um irmão disposto a me privar do meu quinhão, o que era realmente irritante. Eu não via sentido algum na existência dos meus irmãos. Quando mamãe lambia minha barriga para estimular os fluidos que escorriam do meu traseiro, eu piscava para ela, implorando em silêncio que se livrasse dos outros filhotes. Queria que ela fosse só minha.

Aos poucos, os outros cachorros foram ficando mais nítidos e, a contragosto, aceitei a presença deles no ninho. Meu olfato logo me disse que eu tinha uma irmã e dois irmãos. Mana tinha um interesse ligeiramente menor em rolar comigo no chão do que meus irmãos, um dos quais batizei mentalmente de Veloz, já que, sabe-se lá por que, ele sempre foi mais rápido que eu. Ao outro dei o nome de Faminto, porque toda vez que mamãe se ausentava ele gania, além de mamar com uma sofreguidão estranha, como

se jamais ficasse satisfeito. Faminto dormia mais que nós três, e Mana, Veloz e eu costumávamos pular em cima dele e lambe-la sua cara.

Nosso Retiro foi escavado sob as raízes escuras de uma árvore e era fresco e escuro nas horas quentes do dia. Na primeira vez que me aventurei, trôpego, sob o sol, Mana e Veloz me acompanharam e, obviamente, Veloz passou à nossa frente.

De nós quatro, apenas Veloz tinha uma mancha branca na cara, e quando saía andando lepidamente, essa parte do pelo cintilava à luz do dia. “Sou especial”, parecia declarar ao mundo aquela mancha fascinante em forma de estrela. O restante do seu corpo era tão sarapintado e trivialmente marrom e preto quanto o meu. Faminto era bem mais claro, e Mana herdara o focinho curto e a testa chata de mamãe, mas não havia grande diferença entre nós quatro, apesar da arrogância de Veloz.

Nossa árvore se empoleirava na margem de um regato, e adoei quando Veloz despencou de ponta-cabeça margem abaixo, embora Mana e eu não tenhamos mergulhado com mais elegância ao tentar fazer a mesma coisa. Pedras escorregadias e um pequeno córrego proviam odores maravilhosos, e seguindo a trilha molhada do regato fomos dar numa caverna fria e úmida — uma manilha com laterais de metal. Instintivamente percebi que aquele era um ótimo esconderijo para fugir do perigo, mas mamãe não se impressionou com a nossa descoberta e nos arrastou sem cerimônia de volta ao Retiro quando ficou claro que nossas patas ainda não tinham forças para nos permitir escalar a margem do córrego.

Aprendemos a lição. Não podíamos voltar ao ninho por conta própria quando descíamos da margem, razão pela qual assim que mamãe virou as costas repetimos o feito. Dessa vez, Faminto juntou-se a nós, mas nem bem chegou à manilha, esparramou-se na lama fresca e adormeceu.

Parecia que explorar era a coisa certa a fazer — precisávamos encontrar outras coisas para comer. Mamãe, que começava a se impacientar conosco, se levantava quando ainda não havíamos acabado de comer, e eu só podia atribuir a culpa disso aos meus irmãos. Se Faminto não fosse tão insaciável, se Veloz não fosse tão



mandão, se Mana não se agitasse tanto, eu sabia que mamãe ficaria quieta e nos deixaria encher nossas barrigas. Não era verdade que eu sempre a convencia a se deitar, em geral com um suspiro, quando me esticava para alcançá-la?

Era comum mamãe gastar um tempinho extra lambendo Faminto, enquanto eu espumava de raiva ante tamanha injustiça.

A essa altura, Veloz e Mana já estavam maiores que eu — meu corpo era igual ao deles, mas com pernas mais atarracadas. Faminto era o nanico da ninhada, claro, e me incomodava o fato de que Veloz e Mana sempre me abandonavam para brincarem juntos, como se Faminto e eu formássemos algum tipo de par natural no grupo.

Como Veloz e Mana se interessavam mais um pelo outro do que pelo restante da família, eu os punia privando-os da minha companhia, saindo sozinho para me enfiar na manilha. Um dia, eu farejava alguma coisa deliciosamente morta e podre quando bem na minha frente um animalzinho mínimo explodiu no ar — um sapo!

Encantado, pulei para cima dele, tentando acertá-lo com as patas, mas o sapo saltou de novo. Teve medo, embora eu só quisesse brincar e provavelmente nem chegasse a comê-lo.

Veloz e Mana perceberam a minha excitação e vieram a toda até a manilha, me derrubando no chão quando frearam na água lodosa. O sapo pulou e Veloz investiu sobre ele, usando minha cabeça como um trampolim. Rosnei, mas meu irmão me ignorou.

Mana e Veloz caíram um sobre o outro na tentativa de agarrar o sapo, que conseguiu aterrisar numa poça e se afastar rapidamente nadando. Mana enfiou o focinho na água e bufou, espirrando água em cima de Veloz e de mim. Ele subiu no lombo dela, totalmente esquecido do sapo — o meu sapo!

Triste, eu me afastei. Parecia estar vivendo numa família de idiotas.

Eu viria a pensar várias vezes naquele sapo nos dias que se seguiram, em geral quando estava para adormecer. Me peguei imaginando que sabor ele teria.

Com frequência cada vez maior, mamãe rosnava baixinho sempre que nos aproximávamos, e no dia em que ela cerrou os dentes, numa espécie de aviso, quando chegamos correndo

e gulosos, fiquei desesperado imaginando que meus irmãos tivessem estragado tudo. Então, Veloz rastejou até ela e mamãe baixou a cabeça. Ele lambeu sua boca e ela o recompensou com comida, e todos nós corremos para compartilhar. Veloz nos empurrou, mas agora já conhecíamos o riscado, e quando eu cheirava e lambia a boca de mamãe, ela me dava de comer.

A essa altura já estávamos bem familiarizados com o regato e já tínhamos perambulado para lá e para cá, a ponto de impregnar toda a área com nossos odores. Veloz e eu passávamos a maior parte do tempo dedicados à séria tarefa de brincar, e eu começava a entender como era importante para ele que o jogo terminasse comigo de barriga para cima e ele a me lambe a cara e o pescoço. Mana jamais o desafiava, mas eu ainda não tinha certeza se me agradava o que aparentemente todos assumiam ser a ordem natural do nosso grupo. Faminto, é claro, não ligava a mínima para o seu status, por isso, quando me sentia frustrado, eu mordida suas orelhas.

Uma tarde, eu contemplava sonolento Mana e Veloz disputarem com os dentes um pedaço de pano que haviam achado, quando minhas orelhas se antenaram — algum tipo de animal se aproximava, algo grande e barulhento. Fiquei de pé, cambaleante, mas antes que pudesse correr até a margem do regato para investigar o que era, lá estava mamãe, o corpo rígido, atenta. Vi, surpreso, que ela carregava Faminto entre os dentes, de uma maneira que já tínhamos abandonado há várias semanas. Conduziu-nos até a escuridão da manilha e se deitou, as orelhas coladas à cabeça. A mensagem era clara, e nós a captamos, afastando-nos, em silêncio, o máximo possível da entrada do túnel.

Quando a coisa ficou visível, caminhando a passos largos pelo leito do regato, senti o medo de mamãe percorrer-lhe o lombo. A criatura era grande. Apoiava-se em duas pernas, e uma fumaça acre saiu de sua boca quando se aproximou de nós.

Contemplei atento, absolutamente fascinado. Por motivos que não podia imaginar, senti-me atraído por essa criatura, seduzido, e cheguei mesmo a me empertigar, pronto para correr e saudá-la. Um olhar de mamãe, porém, me fez desistir da ideia. Era algo para despertar medo, para evitar a qualquer custo.

Claro que se tratava de um homem. O primeiro que vi na vida. O homem sequer olhou na nossa direção. Subiu à margem e desapareceu de vista. Passados alguns momentos, mamãe deslizou para a claridade e ergueu a cabeça para se assegurar de que o perigo passara. Relaxou, então, e tornou a entrar, dando um beijo tranquilizador em cada um de nós.

Corri lá fora para ver com meus próprios olhos e constatei, desanimado, que tudo que restara da presença do homem era um odor persistente de fumaça no ar.

Várias vezes nas semanas seguintes, mamãe reforçou a mensagem que havíamos aprendido dentro daquela manilha: evitar os homens a qualquer preço. Temê-los.

Na próxima vez que mamãe saiu para caçar, tivemos permissão para acompanhá-la. Longe da segurança do Retiro, seu comportamento tornou-se tímido e nervoso, e nós quatro passamos a imitá-la. Procuramos nos manter ao largo de espaços abertos, caminhando bem próximo aos arbustos. Se víamos alguém, mamãe congelava, o corpo tenso, pronta para correr. Nessas ocasiões, a mancha branca no pelo de Veloz parecia tão chamativa quanto um latido, mas ninguém jamais notou nossa presença.

Mamãe nos ensinou a rasgar os sacos finos atrás das casas, que rapidamente espalharam papéis que não prestavam e revelaram pedaços de carne, crostas de pão e nacos de queijo, que mastigamos da melhor maneira possível. Os sabores eram exóticos e os aromas, maravilhosos, mas a ansiedade de mamãe nos afligia, e comemos a toda a disparada, sem saborear coisa alguma. Quase na mesma hora, Faminto devolveu sua refeição, o que achei um bocado engraçado até começar também a sentir minhas entranhas doerem num espasmo violento.

Aparentemente, a comida desceu mais fácil da segunda vez.

Sempre tive consciência da existência de outros cachorros, embora nunca tivesse pessoalmente encontrado algum, salvo os da minha própria família. Às vezes, quando caçávamos, eles latiam para nós por detrás de cercas, muito provavelmente invejosos por perambularmos livres, enquanto se encontravam aprisionados. Mamãe, lógico, jamais deixava que nos aproximássemos de estranhos, enquanto Veloz em geral se eriçava um pouco, meio

ofendido por alguém ousar nos desafiar quando ele levantava a perna para molhar uma árvore que não lhe pertencia.

Vez por outra, eu via cachorros até dentro de carros! Na primeira vez que isso aconteceu, fiquei encarando, maravilhado, aquela cabeça pendendo para fora da janela com a língua balançando. O cachorro latiu alegremente quando me viu, mas meu espanto era grande demais para me permitir fazer outra coisa além de levantar meu focinho e farejar, descrente.

Carros e caminhões eram outras coisas das quais mamãe fugia, embora eu não entendesse como eles podiam ser perigosos, já que algumas vezes transportavam cachorros. Um caminhão grande e barulhento aparecia com frequência e levava todos os sacos de comida que as pessoas deixavam do lado de fora para nós, e as refeições ficavam escassas durante um ou dois dias. Eu não gostava daquele caminhão, nem dos homens gulosos que saltavam para recolher toda a comida só para eles, embora tanto os homens quanto o caminhão tivessem um aroma glorioso.

Havia, agora, menos tempo para brincar, pois estávamos caçando. Mamãe rosnava quando Faminto tentava lhe lamber a boca, na expectativa de uma refeição, e todos captamos a mensagem. Saíamos bastante, às escondidas, numa busca desesperada por comida. Eu agora me sentia cansado e fraco e nem tentava desafiar Veloz quando ele punha a cabeça no meu lombo, estufando o peito para cima de mim. Tudo bem se ele queria ser o chefe. Na minha opinião, afinal, minhas pernas curtas eram mais apropriadas às retiradas sorrateiras que a nossa mãe nos ensinara. Se Veloz achava que estava provando alguma coisa usando sua altura para me derrubar, se enganava. Mamãe era o cão comandante.

Mal havia lugar para todos nós debaixo da árvore agora, e mamãe ficava ausente por períodos de tempo cada vez mais longos. Algo me dizia que logo, logo ela não voltaria mais. Teríamos que nos virar sozinhos, com Veloz sempre me afastando do caminho na tentativa de abocanhar meu quinhão. Muito em breve, mamãe já não estaria ali para cuidar de mim.

Comecei a pensar em como seria deixar o Retiro.

O dia em que tudo mudou teve início com Faminto entrando, trôpego, na manilha para se deitar, em lugar de sair para caçar.

Tinha a respiração ofegante e a língua pendia para fora da boca. Mamãe afagou Faminto antes de sair, e quando o cheirei, seus olhos continuaram fechados.

Acima da manilha passava uma estrada, e nessa estrada encontramos certa vez um grande pássaro morto, que destroçamos juntos, até Veloz arrancá-lo de nós e sumir com o banquete. Apesar do perigo de sermos vistos, costumávamos andar para lá e para cá nessa estrada à procura de mais pássaros, o que estávamos fazendo quando mamãe de repente levantou a cabeça, assustada. Todos ouvimos ao mesmo tempo o barulho: um caminhão se aproximava.

Só que não era um caminhão qualquer — o mesmo veículo, fazendo o mesmo barulho, vinha percorrendo a nossa estrada, para baixo e para cima, havia vários dias, em marcha lenta, ameaçadora até, como se nos caçasse.

Seguimos mamãe quando ela voltou correndo para a manilha, mas por motivos que jamais entenderei plenamente, parei e olhei para a máquina monstruosa, gastando uns segundinhos extras, antes de entrar atrás de mamãe na segurança do túnel.

Aqueles segundinhos acabaram fazendo toda a diferença — fui visto. Com uma vibração grave, trovejante, o caminhão parou diretamente acima das nossas cabeças. O motor estalou e se calou, e em seguida ouvimos o som de botas sobre o cascalho.

Mamãe soltou um leve ganido.

Quando os rostos humanos apareceram de um lado e do outro da manilha, mamãe se abaixou, o corpo tenso. Os humanos nos mostraram os dentes, mas o gesto não me pareceu hostil. Seus rostos eram marrons, tinham pelos pretos, testas negras e olhos escuros.

— Ei, garoto — sussurrou um deles. Não entendi o que ele queria, mas o chamado parecia tão natural quanto o som do vento, como se eu não tivesse feito outra coisa a vida toda a não ser ouvir os homens falarem.

Ambos seguravam varas, vi então, varas com cordas amarradas às extremidades. Pareciam ameaçadoras, e senti o pânico tomar conta de mamãe, que investiu, de cabeça baixa e unhas à mostra, mirando o espaço entre as pernas de um dos homens. A vara

desceu, houve um rápido estalido e minha mãe, contorcendo-se e pulando, foi arrastada para a luz do dia pelo homem.

Mana e eu recuamos, com medo, enquanto Veloz rosnava, o pelo eriçado na parte de trás do pescoço. Foi quando ocorreu a nós três que, embora o caminho às nossas costas continuasse bloqueado, a boca do túnel à frente agora estava liberada. Partimos céleres.

— Lá vêm eles! — gritou o homem atrás de nós.

Uma vez do lado de fora, percebemos que não sabíamos o que fazer. Mana e eu ficamos atrás de Veloz — ele não queria mandar? Então lidasse com a situação.

Não vimos sinal de mamãe. Os dois homens ocupavam margens opostas, porém, cada um sacudindo sua vara. Veloz driblou um, mas foi apanhado pelo outro. Mana aproveitou a confusão para escapar, as patas patinando na água enquanto ela se afastava trotando, mas eu permaneci ali plantado, o olhar fixo na estrada.

Uma mulher de cabelo branco comprido surgiu acima de nós, o rosto vincado de bondade.

— Vem, bebê, está tudo bem. Você vai gostar. Vem, bebê — chamou.

Não corri. Não me mexi. Deixei que a corda escorregasse pela minha cabeça e fosse apertada no meu pescoço. A vara me conduziu margem acima, onde o homem me agarrou pela parte de trás do pescoço.

— Tudo bem com ele — ronronou a mulher. — Pode soltar.

— Ele vai fugir — alertou o homem.

— Pode soltar.

Acompanhei esse pequeno diálogo sem compreender, entendendo apenas que por algum motivo era a mulher quem mandava, embora fosse mais velha e menor que ambos os homens. Com um grunhido relutante, o homem removeu a corda do meu pescoço. A mulher estendeu as mãos para mim: as palmas eram ásperas, calejadas, envoltas em um aroma floral. Cheirei-as então e baixe a cabeça. Uma nítida sensação de carinho e preocupação se irradiava dela.

Quando a mulher afagou meu pelo com os dedos, senti um arrepio. Meu rabo chicoteou o ar por conta própria, e quando ela

me surpreendeu me erguendo no colo, estiquei-me para beijar-lhe o rosto, fascinado com a gargalhada que ela deu.

O clima pesou quando um dos homens se aproximou carregando o corpo inerte de Faminto. O homem mostrou-o à mulher, que fez um muxoxo de tristeza, levando-o depois para o caminhão, onde mamãe e Veloz ocupavam uma gaiola de metal, e segurou-o junto aos focinhos de ambos. O odor da morte, que reconheci como qualquer outra lembrança, desprendeuse de Faminto e veio até mim através do ar seco e empoeirado.

Todos nós cheiramos meu irmão morto, e entendi que os homens queriam que soubéssemos o que acontecera a Faminto.

A tristeza emanava de todos eles, de pé, calados, no meio da estrada, mas ninguém sabia o quanto Faminto havia sido doente, doente desde o nascimento e fadado a uma vida breve.

Fui posto na gaiola, e mamãe fungou reprovadoramente ao sentir o aroma da mulher, que aderira ao meu pelo. Com um solavanco, o caminhão partiu novamente e logo me distraíram os maravilhosos cheiros que penetravam na gaiola enquanto descíamos a estrada. Eu viajava num caminhão! Lati, extasiado, fazendo Veloz e mamãe virarem a cabeça, surpresos com a minha explosão. Não pude me conter: aquela era a coisa mais excitante que já me acontecera na vida, incluída aí a ocasião em que quase apanhei o sapo.

Veloz parecia acabrunhado de tristeza, e levei um tempinho para entender: Mana, sua companhia favorita, se fora, uma perda tão definitiva para nós quanto a de Faminto.

O mundo, pensei comigo mesmo, era muito mais complexo do que eu havia suposto. Não se tratava apenas de mamãe e meus irmãos se escondendo das pessoas, caçando e brincando na manilha. Acontecimentos maiores tinham o condão de mudar tudo — acontecimentos controlados por seres humanos.

Sobre uma coisa eu estava errado. Embora não soubéssemos então, Veloz e eu encontraríamos Mana de novo, no futuro.